

História midiaticizada: reflexões iniciais sobre editoriais em 1964 e 2016

Mediatized history: initial reflections on editorials in 1964 and 2016

Laura Guerra¹
Unisinos

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar os editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* como operadores de sentido sobre dois acontecimentos políticos e midiáticos: a ditadura civil-militar brasileira (1964-1985) e o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (2016). A construção editorial do acontecimento mais recente, ou seja, o impedimento do governo Dilma, serviu como o embrião para um caminho metodológico de pesquisa baseado em indícios e inferências na apreensão dos objetos empíricos. Portanto, esta reflexão não é definitiva - tampouco conclusiva. Pelo contrário, é a materialização das etapas de raciocínio científico, que resultaram na eleição do ângulo de pesquisa no qual assumimos interesse em um estudo comparativo de lógicas e operações discursivas de editoriais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, em 1964 e 2016.

Palavras-chave:

Jornalismo; História; Editoriais; Midiaticização.

Abstract

This paper aims to analyze editorials from *Folha de S. Paulo* and *O Globo* as meaning operators about two political and media events: the Brazilian civil-military dictatorship (1964-1985) and the impeachment against Brazil's President Dilma Rousseff. The editorial construction of the most recent event, that is, the impeachment of Dilma's government, served as the embryo for a methodological path based on clues and

¹ Mestranda na linha de pesquisa Midiaticização e Processos Sociais de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e graduanda em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

inferences in the apprehension of empirical objects. Therefore, this reflection is not definitive - nor conclusive. On the contrary, it is the materialization of the stages that resulted in the election of the research angle in which we are interested in a comparative study of logics and discursive operations by *Folha de S. Paulo* and *O Globo* newspapers in 1964 and 2016.

Keywords:

Journalism; History; Editorials; Mediatization.

1 Breve introdução de contextos

No dia 17 de março de 1964, o jornal *Correio da Manhã* publicou a seguinte manchete: “Comício marcou rumo definitivo ao governo”. O jornal se referia ao Comício da Central, protagonizado pelo então presidente João Goulart, em 13 de março de 1964, na Estação Ferroviária Central do Brasil (RJ). Conforme o ponto de vista do historiador Demian Bezerra de Melo (2014), o governo de João Goulart foi atravessado por situações dramáticas desde a posse em 1961 – que foi resultado da renúncia de Jânio Quadros – até o desfecho em 1964. O Comício pelas Reformas de Base pode ser considerado um acontecimento-chave na cena histórica pré-golpe militar devido às propostas de reformas estruturais, como a agrária, incluídas na agenda nacional, assim como a legalidade do Partido Comunista Brasileiro (PCB), distanciando o Brasil de um modelo econômico associado ao capital internacional, principalmente ao norte-americano (MELO, 2014).

O discurso contundente de Goulart ao anunciar o decreto da Superintendência da Política da Reforma Agrária (SUPRA), que tinha com objetivo desapropriar terras, gerou reação das classes conservadoras, simbolizada pela Marcha da Família com Deus pela Liberdade. A produção midiática jornalística tradicional – excluindo o jornalismo alternativo – reforçou o temor ao comunismo e enunciava uma possível ameaça de golpe comunista por parte do presidente, que foi deposto arbitrariamente na madrugada do dia 31 de março de 1964.

O longo período de ditadura vigente (1964-1985) e o período de redemocratização do país deixaram marcas que reverberam até hoje na conjuntura

nacional e na recente democracia brasileira. Concentramo-nos na figura de Dilma Rousseff, ex-militante da luta armada, ex-presa política e a primeira presidenta mulher a governar e sofrer *impeachment* no Brasil. O início do ano de 2016, mais precisamente no dia 1º de janeiro, o jornal *Folha de S. Paulo*, em editorial chamado *Poucas esperanças*, afirma que a crise econômica no Brasil só seria superada com mudanças no campo político. No dia 31 de agosto do mesmo ano, a alteração que o periódico brasileiro sugeriu, de fato, aconteceu. Sob acusação de ter cometido crime de responsabilidade, Dilma Rousseff foi impedida de continuar seu segundo mandato após aprovação do *impeachment* no Senado Federal, por 61 votos a favor e 20 contra.

Ao avaliarmos as formas como os dois impedimentos foram efetivados, encontramos diferenças contextuais marcantes, a começar pela participação das forças armadas no caso de 1964. Por outro lado, as manifestações pró-*impeachment* não passaram despercebidas. Em analogia com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, as manifestações de rua apoiavam o *impeachment*, sendo caracterizadas pela força das cores da bandeira brasileira e, em alguns casos mais extremos, expuseram uma espécie de memória positiva da ditadura, devido aos pedidos de intervenção militar.

2 O ângulo de pesquisa

Nosso problema central de pesquisa tem como objetivo refletir de que maneira os editoriais, como dispositivos de enunciação, atualizam lógicas discursivas de 1964 em 2016, ao longo do caso de *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, através de um estudo comparativo. Nossa análise abrange a esfera discursiva dos editoriais de *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, que trazem nos enunciados as tensões políticas travadas em ambos os anos. Esta reflexão inicial é resultado de um processo de construção da dissertação, que está em desenvolvimento na linha de pesquisa *Mediatização e Processos Sociais*, inserida no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Sendo assim, apresentaremos o nosso constructo de pesquisa no que diz respeito à aproximação com os objetos empíricos.

Levando em consideração as múltiplas possibilidades de análise que os acontecimentos em questão podem despertar, enfatizamos a importância de explicar a escolha do nosso ângulo de pesquisa. Porém, antes disto, avaliamos igualmente importante situar a noção do conceito de acontecimento que será utilizada ao longo do texto. Nossa perspectiva – embora priorize o estudo comunicacional – também estabelece relação com o campo da História como área de conhecimento científico. Desta forma, as fronteiras e zonas de potencialidade entre o jornalismo e a história são partes integrantes de nossas preocupações. Compreendemos o *acontecimento* como uma ruptura ou novidade, segundo Pierre Nora (1974), noção compartilhada por Adriano Rodrigues (1993, p.27) quando o autor define o acontecimento como uma irrupção na “superfície lisa da história”.

Nora (1988) classifica os *mass media* como a condição da existência dos acontecimentos, citando que alguns deles possuem laços tão estreitos que se torna difícil separá-los. O autor exemplifica esta ligação a partir de acontecimentos relacionados à imagem, como a invasão de Praga, as conferências de imprensa política e o desembarque na Lua. Outros fenômenos históricos se tornaram acontecimentos midiáticos devido à transmissão radiofônica, como as coberturas do período entre-guerras e da Segunda Guerra Mundial. Ou, então, o célebre caso dos jornalistas de Watergate, que deveriam apenas investigar um roubo, mas acabaram por deflagrar um escândalo político resultando na renúncia do presidente norte-americano Richard Nixon, em 1970: “Todo o Watergate na sua fase divulgadora deve-se à imprensa, antes de passar, na sua fase judiciária, à televisão” (NORA, 1988, p. 181, 182). Em suma, na visão do autor, para que determinado fato se torne acontecimento precisa ser conhecido. Em outras palavras, precisa ser midiaticizado.

Tendo pontuado brevemente qual noção de *acontecimento* adotamos neste trabalho, é preciso retomar as etapas de raciocínio científico que nos levaram a eleger o ângulo de pesquisa proposto. O pesquisador José Luiz Braga (2008) reflete sobre o paradigma indiciário, a partir de Carlo Ginzburg, esclarecendo a importância das pistas, sintomas e indícios para além do processo descritivo. O autor apresenta dois níveis de percepção: os indícios e as possíveis inferências a partir deles, ambos os movimentos foram realizados durante a aproximação com os editoriais de *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, de 1964 e 2016. Gastón Bachelard (2001), em *A epistemologia*, questiona pilares

da corrente positivista do século XIX, como a noção do princípio metodológico baseado em apenas um método, sendo este adaptável das ciências exatas às sociais. Este autor afirma que “a fonte inicial é impura, a evidência primária não é uma verdade fundamental” (BACHELARD, 2001, p.129). A partir desta visão, podemos afirmar a importância de realizar as inferências sobre os primeiros indícios e não toma-los como conclusivos. Braga (2008) também reforça esta ideia quando alerta os pesquisadores que o conjunto de indícios coletados inicialmente não corresponde imediatamente à totalidade dos fenômenos a serem investigados.

Desta forma, o primeiro conjunto de indícios da presente pesquisa remonta o cenário midiático atual, ou seja, de 2016, durante o processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff, no qual o ano de 1964 era mencionado com frequência. Esta conjuntura foi vista como uma recordação do golpe militar e a tentativa de associá-lo ou não à crise política. Reproduzimos alguns exemplos do que foi publicado em diferentes jornais que simbolizam o que entendemos como os indícios impulsionadores do primeiro estágio do estudo:

- “Dilma compara crise à ditadura em pronunciamento oficial: ‘Lutarei para não ser vítima **de novo**’” (grifo nosso, ZERO HORA, 22/03/2016).
- Jornal *O Globo* nega relação entre golpe de 1964 e 2016 em editorial intitulado *A farsa do ‘golpe’ construída pelo lulopetismo*:

Na estratégia de defesa e nas ações de agitação e propaganda de um PT e de uma presidente acuada no Planalto, a palavra “**golpe**” ganha grande relevância. “Golpe” é curto, fácil de pronunciar e adequado para ser gritado em manifestações — mas nada tem a ver com a crise política por que passa o país, na qual estão atolados PT e Dilma, e muito menos com o processo de impeachment da presidente em tramitação na Câmara. **PT e aliados marcaram para amanhã, 31 de março, manifestações em defesa do governo e, por óbvio, farão referência ao golpe dado pelos militares, apoiados pelas classes médias e alta, há 52 anos** (grifo nosso, O GLOBO, 30/03/2016).

- “Se exército tivesse hoje a força política de 1964 já teria havido golpe de estado, diz Serra!” (BBC, 31/03/2016).
- “Caetano Veloso diz que cenário político atual lembra o que levou ao golpe de 1964” (ZERO HORA, 18/03/2016).

Classificamos, seguindo o raciocínio de Bachelard (2001), que os nossos indícios serviram como base para o segundo estágio de pesquisa, mas não como referências definitivas do que viria a ser o nosso problema central. Eles foram suficientes, por outro lado, para indicar singularidades deste estudo de caso e, desta forma, partimos do pressuposto que o estudo merece ser contemplado (FORD, 2002).

Nossos exemplos mostram discursos extraídos de notícias publicadas em março de 2016 que – embora meses antes do desfecho do caso de *impeachment* – já enunciavam a principal tensão política do ano no Brasil. Com objetivo de não restringir o alcance de nossa coleta de indícios, realizamos uma pesquisa documental em acervos digitais dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Neste momento, decidimos resgatar as edições publicadas em 1964 para estabelecer um comparativo com o que havia sido produzido no contexto presente. A pesquisa documental abrangeu os meses de janeiro a abril de 1964 e janeiro a setembro de 2016 e, com ela, foi possível constatar a relevância dos editoriais para a nossa análise, indicando um caminho de pesquisa no qual seja necessário pensá-los como um espaço de conversação entre as instituições, a sociedade e os meios.

3. Editoriais: exercício de leitura e inferências

Objetivamos investigar as operações discursivas e analisar a construção enunciativa dos editoriais de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* sobre os acontecimentos já mencionados. A escolha de trabalhar com os editoriais de *Folha de S. Paulo* e *O Globo* foi resultado da segunda etapa de pesquisa, na qual recorreremos aos acervos virtuais dos dois jornais. Entendemos que era necessário, assim como relatamos no capítulo acima, buscar além da primeira suspeita, correspondendo a uma iniciativa de pesquisa que recuperasse as edições de 1964 e 2016 e as colocasse em comparação.

Eliseo Verón (2005) realiza um estudo comparativo de revistas burguesas e populares na França, ou seja, publicações que possuem em seu cerne diferenças marcantes sob a ótica da produção. Segundo Verón (2005), é na comparação dos opostos que surgirá o fator *revelador*, que são “os desvios sistemáticos interdiscursivos que tornam visíveis as propriedades que devem ser consideradas” (VERÓN, 2005, p.164). Tendo em vistas esta contribuição do autor, refletimos sobre os jornais escolhidos para a nossa pesquisa. O fato dos dois periódicos possuírem linhas editoriais semelhantes foi um dos aspectos problematizados no decorrer da aproximação com os objetos empíricos. Em ambos os acontecimentos aqui tratados, os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* mantiveram posturas ideológicas semelhantes em suas construções jornalísticas sobre o golpe de 1964 e o *impeachment* de Dilma.

Em uma tentativa de rever esta questão, exploramos novamente os materiais citados a fim de buscar as diferenças explicitadas por Verón (2005) inseridas dentro de um contexto de publicações com linhas editoriais parecidas. Assim, percebemos que – mesmo compartilhando o mesmo viés – os periódicos apresentam *modos de dizer* e estes com diferenças significativas, sendo esta, uma característica que os valorizou como objetos. Consideramos a obra *O jornal da forma ao sentido* (1997), de Maurice Mouillaud, organizada por Sérgio Dayrell Porto, como uma importante referência para afinarmos o quadro conceitual. Entre os artigos publicados no livro, Braga (1997) se dedica a pensar nas questões metodológicas de um estudo sobre discursos do jornal *O Pasquim*. O autor adota outro percurso metodológico – diferente de Verón (2005) – inspirado pela “ideia de procurar, pela observação comparativa dos artigos e dos desenhos do *O Pasquim*, a presença, na sua estrutura mesmo (forma e conteúdo), de similaridades e oposições” (BRAGA, 1997, p.327).

Verón (2005) contribui para a compreensão da importância de um estudo que se preocupe não apenas com o texto em si, mas em qual página ele está inserido; quais operações se repetem ou são descontinuas nas publicações; como estão diagramados; se possui presença de imagens ou charges; enfim, a estética que envolve o texto a ser estudado também é material do nosso interesse. A pesquisadora Francisca Ester de Sá Marques (1997) explica que estes elementos “agendam os acontecimentos, referenciam as fontes, selecionam as falas, normatizam a gramática cultural a ser usada, demarcam

os significados e produzem os sentidos que influenciam na construção das notícias e na forma do sujeito de perspectivar o mundo” (MARQUES, 1997, p.526).

Uma capa de revista, por exemplo, é – de acordo com Verón (2005) – uma unidade discursiva que possui determinada composição, como o nome da revista, a cor e tamanho dos títulos, a presença ou não de imagem. Apenas uma unidade pode gerar diversos questionamentos de ordem descritiva e, por isto, o autor enfatiza que é preciso escolher uma perspectiva de análise. Para Maurice Mouillaud, o dispositivo e o texto devem ser tratados de forma genética. No nosso caso, portanto, o texto do editorial está inscrito no dispositivo jornal e, conforme Mouillaud, são o “gerador um do outro, sua relação é uma relação dinâmica” (1997, p.34).

O Globo, por exemplo, em 1964, publicava um editorial por capa nas edições, com exceção do dia 2 de abril de 1964, quando dois editoriais (*Ressurge a democracia*, na capa; e *A decisão da pátria*, na página 3) foram escritos para saudar a deposição do presidente João Goulart. A posição não era fixa, sendo possível identificar editoriais no canto esquerdo e direito, assim como nas proximidades do rodapé das páginas, direcionados vertical e horizontalmente. Mesmo com estas variâncias, os editoriais analisados no nosso recorte possuem enquadramento repetitivo em todas as edições, ou seja, com uma moldura que envolve o texto localizado na parte interna. O editorial contém letras capitulares em cada parágrafo, fator marcante como um diferencial entre eles e as manchetes de capa. Os títulos apresentam regularidade quanto ao destaque em negrito, variando em caixa alta e baixa. Algumas notícias e notas apresentam o enquadramento já citado, porém, não são introduzidas pelas letras capitulares observadas em editoriais.

PREPAREM-SE OS CARIOGAS PARA PAGAR TARIFAS ESCORCHANTES DE GÁS, LUZ, TELEFONES E BONDES!

Chega de Entregar o País ao Comunismo!

O PAÍS está sendo levado a entregar a si mesmo ao comunismo. O Brasil, para não cair na armadilha, precisa estar preparado para enfrentar os ataques do inimigo. É preciso estar pronto para enfrentar os ataques do inimigo. É preciso estar pronto para enfrentar os ataques do inimigo.

O GLOBO

FUNDAÇÃO DE BENEDETO BARROSO
CONSTITUIÇÃO: LEI Nº 1.074, DE 1950
DIRETOR: BENEDETO BARROSO
VICEDIRETOR: BENEDETO BARROSO
REDAÇÃO: AV. SÃO PAULO, 1.500 - JARDIM SÃO PAULO - SÃO PAULO - SP

SÃO PAULO ESTÁ CONTRA QUALQUER TENTATIVA DE SOLUÇÃO EXTRALEGAL PARA A CRISE QUE AVASSALA O PAÍS

Lacerda Acusa o Governo Federal:

Desordem Para Chegar a um Regime "Sindicalista"

REGULAMENTADA POR GOULART A LEI DE REMESSA DE LUCROS

EM BELHORIZONTE, ESTE MÊS, O PRIMEIRO CONGRESSO DE ENTIDADES COMUNISTAS PELA UNIDADE SINDICAL

Funcionários Dos EUA Previsão Para Pôr Fim ao Zangão da Canal

Son Tingo Tingo Alado e Fêmea: Para Resolver o Problema Dos Retornos

MAIS GRAVE DO QUE NUNCA A CRISE DE ENERGIA NO RIO E SÃO PAULO, ALERTA MAGALHÃI

Normalização dos Serviços de Gás, Bônus e Telefones

DOE E SUGARNO

De Gaulle Informa Aos EUA Que Reunificou Pequim

PREPAREM-SE a população de Grammatina para a possibilidade de receber mensagens de rádio e televisão, transmitidas de uma ilha.

Figura 1 – Editorial *Chega de entregar o país ao comunismo* (O GLOBO, 18/01/1964)

Em 2016, deparamo-nos com formatos estéticos diferentes da década de 1960. A começar pela página de publicação dos editoriais, que passam a deambular nas edições, podendo ser encontrado a partir da página 10 de *O Globo*, na seção Opinião. Ao contrário de 1964, os editoriais de 2016 têm posição fixa no topo da página, organizados horizontalmente, com letra capitular apenas no início do texto e títulos em caixa baixa. Também são compreendidos por um enquadramento semelhante ao de 1964, com uma espécie de *box* nas laterais, e dividem o espaço na mesma página com artigos assinados. De forma geral, dois editoriais são publicados por edição, sem que necessariamente ambos estabeleçam uma relação temática, ou seja, no mesmo dia é possível notar a opinião do jornal sobre educação no Brasil e sobre o governo argentino, por exemplo. Uma das características de destaque nas edições de 2016 é a proposta de editorial guiado por um debate entre a opinião do jornal e outra opinião, na chamada

seção *Tema em discussão*. Ocupa o mesmo lugar que os editoriais convencionais, porém se configura no espaço dividido em dois lados, o primeiro intitulado *Nossa opinião* e o segundo intitulado *Outra opinião*, que abre o debate para alguma figura pública opinar sobre determinado assunto, exemplificado a seguir:

The image shows a page from the newspaper 'O GLOBO' dated February 29, 2016. The main headline is 'Tema em discussão: O combate à corrupção nos governos do PT'. Below the headline, there are two columns of text, each with a sub-headline: 'Nossa opinião: Missão difícil' and 'Outra opinião: Sem retrocesso'. The text discusses the political and social challenges of fighting corruption in Brazil, particularly in relation to the PT government. A political cartoon by Rodrigo Botero Montoya is positioned between the two columns, depicting a figure in a suit being pulled down by a large, dark, shadowy figure representing corruption. At the bottom of the page, there is a small section titled 'A degradação da Venezuela' with a sub-headline 'O grau de deterioração da Venezuela...' and a small illustration of a person in a boat.

Figura 2 – Tema em discussão: O combate à corrupção nos governos do PT (O GLOBO, 29/02/2016)

Em 1964, o jornal *Folha de S. Paulo* publicava seus editoriais no início das edições, a partir da página 4. Eles mantêm regularidade de diagramação, orientados de forma centralizada, na parte superior da página. O texto se divide em, pelo menos, duas colunas, sem partes destacadas, apenas contendo negrito no título. As charges eram frequentes na página, mas, às vezes, acompanhando outros artigos publicados na mesma seção. São dois editoriais por edição, sem que necessariamente ambos sejam sobre o mesmo assunto. O texto é organizado no canto esquerdo da página, sempre em duas

colunas na vertical, com o primeiro parágrafo em negrito. Os editoriais dividem o espaço com artigos assinados por diferentes personalidades públicas, tendo uma charge sobre algum dos temas tratados na página. Em 2016, os editoriais também são publicados no início das edições, mas na página 2, de forma regular. Estabelece assim, um contrato com o leitor que sabe onde vai encontrar a posição declarada do jornal. O editorial *Nem Dilma, nem Temer*, do dia 03 de abril de 2016, é uma das exceções. A *Folha* abriu mão da posição fixa de seus editoriais ao publicar o texto na capa da edição, envolto por uma moldura azul junto com o nome da seção *Editorial*. O motivo é nítido durante a leitura da opinião, que pede a renúncia da presidenta Dilma Rousseff em nome do jornal, inclusive, estabelecendo um processo de auto-referencialidade:

A presidente Dilma Rousseff (PT) perdeu as condições de governar o país. É com pesar que este jornal chega a essa conclusão. Nunca é desejável interromper, ainda que por meios legais, um mandato presidencial obtido em eleição democrática. [...] **Esta Folha** continuará empenhando-se em publicar um resumo equilibrado dos fatos e um espectro plural de opiniões, mas passa a se incluir entre os que preferem a renúncia à deposição constitucional. (grifo nosso, FOLHA DE S. PAULO, 03/04/2016).

Podemos dizer que os jornais são o universo desta pesquisa e os editoriais o subuniverso a ser compreendido. Os editoriais aqui observados buscam atender às problemáticas do âmbito da produção e o da proposição de sentido, tendo com base o estudo de Antonio Fausto Neto (1994). O autor define o editorial como um espaço estratégico do jornal constituído por vozes na tentativa de elucidar as causas. De acordo com esta perspectiva, Fausto Neto (1994) nos ajuda a compreendê-lo como um campo de lutas, pois

nele se trava um debate entre vozes, aquelas pelas quais se apresenta o sujeito da enunciação tentando dar formato ao mundo, e aquelas outras, e quem ele se empresta para legitimar ou, por outra, a quem ele se empresta para legitimar-se ou, ainda, a quem enfrenta o *sparrings* ou adversários a serem combatidos, vencidos ou silenciados” (FAUSTO NETO, 1994, p.163).

As processualidades apresentadas pelo autor situam o editorial frente às dinâmicas internas e externas: ele fala em nome do jornal, mas também de um lugar de fala coletivo. No campo editorial de 1964 e 2016, os jornais mantêm postura

“iluminista” quanto à nomenclatura de ambos os acontecimentos em que se demonstram capazes de esclarecer às polêmicas do âmbito político e social em sua seção. O acontecimento contemporâneo estimulou um debate entre o uso dos termos *golpe* e *impeachment*, enquanto em 1964 se articula a discussão de *golpe* ou *revolução*, como mostramos nos exemplos a seguir (correspondem aos extratos de editoriais publicados em ambos os anos), adotando a lógica de campo de lutas proposta por Fausto Neto (1994).

- *O Globo* produziu um editorial exclusivamente para opinar sobre a questão, chamado *Onde estava a reação*:

Há muitas maneira de se **denegrir a revolução** que resultou do movimento de 31 de março, e **uma delas é a de dizer que não foi uma revolução e, sim, um golpe de direita**, de inspiração e objetivo reacionários. A afirmação lançada pela máquina de propaganda comunista correu o mundo com a velocidade de um “slogan” publicitário e deitou alguma raiz entre nós também. Lá fora o veículo da mentira foi a imprensa estrangeira escrita e falada, ou uma parte importante dela, que se esmerou em pintar os acontecimentos do Brasil como uma negra vitória da direita sobre a esquerda, do conservadorismo retrógrado sobre a revolução progressista (grifo nosso, O GLOBO, 22/04/1964).

- Destacamos no editorial *A farsa do “golpe” construída pelo lulopetismo* o próprio uso da palavra golpe entre aspas:

Já o processo de impeachment de Dilma, por sua vez, transita sem ilegalidades. Em 64, seria diferente. Acreditar no conto da carochinha do “**golpe**” é aceitar como verdadeiro o conluio do Supremo numa operação para defenestrar por vias ilegais Dilma do Planalto. [...] Em 1964, houve ruptura institucional, com o esmagamento, pelos militares, das instituições. **O golpe farsesco convence apenas desinformados e ingênuos, serve tão-somente aos mal-intencionados – estes sim, golpistas** – que desejam envolver numa espessa nuvem de fumaça as provas e evidências de grossa corrupção que envolve quadros petistas” (grifo nosso, O GLOBO, 30/03/2016).

- *Folha de S. Paulo* levanta a discussão sobre articulação da palavra golpe por parte de Dilma Rousseff e explicita a sua opinião em forma de resposta ao uso no editorial *Dizer o óbvio*. *Folha de S. Paulo* classifica como uma ideia “fantasiosa” e “uma ladainha”, utilizada para engajar a militância:

Dois dias depois, em entrevista a veículos estrangeiros, repetiu a ladainha. “Não estou comparando com os golpes militares do passado, mas isso [impeachment] seria uma ruptura da ordem democrática”, afirmou a presidente, segundo o jornal britânico “The Guardian” (grifo nosso, FOLHA DE S. PAULO, 27 de março de 2016).

Considerações finais

Uma dos lemas do jornal *O Pasquim* poderia ser reportado para 2016, frente à instabilidade política e social culminada em 2016. “Se você não está em dúvida, é porque foi mal informado”, estampava o jornal. O termo *golpe* colocado entre aspas e enunciado pelos jornais brasileiros, ao mesmo tempo do discurso entoado de que *não vai ter golpe*, ou então a posição incerta de muitos, emerge em um cenário social conturbado. A nossa problemática é situada nos jornais brasileiros *Folha de S. Paulo* e *O Globo*, mais especificamente, na construção enunciativa de ambos sobre a deposição forçada e o início da ditadura e o *impeachment* da primeira mulher a se tornar presidente do país.

Como mencionamos no início, não pretendíamos elaborar um artigo com teor conclusivo, pois ele faz parte das nossas reflexões geradas pelo texto em curso da dissertação e geradoras de outras problemáticas a serem pensadas. Por outro lado, é um trabalho que organiza uma série de etapas do raciocínio científico no qual articulamos materiais históricos e atuais para entender as lógicas discursivas utilizadas pelos jornais de forma inicial. Também compreendemos que o nosso problema de pesquisa é passível de desdobramentos.

Neste momento de pesquisa, buscamos materializar um exercício de leitura comparada de editoriais da década de 1960 e 2000 como inferências do estudo de caso. Assim, percebemos nas operações exemplificadas (**3 Editoriais: exercício de leitura e inferências**) que os jornais *Folha de S. Paulo* e *O Globo* apresentam diferenças na sua estrutura durante esta temporalidade de mais de 50 anos.

As deambulações – o editorial como produto da capa de *O Globo* em 1964 às páginas intermediárias do mesmo jornal em 2016 – ou, por outro lado, o contrato estabelecido em *Folha de S. Paulo*, que marca um encontro definido com o seu leitor ao publicar seus editoriais na página 2. Ainda assim, abre mão de seu espaço convencional devido à intensificação dos processos políticos e sociais, quando desvia da sua própria regra de publicação ao vincular o editorial *Nem Dilma, nem Temer*, na capa, ou seja, na parte mais nobre de um jornal impresso. Também destacamos o espaço de conversação que emerge segundo suas lógicas, a partir de respostas às demandas externas e internas, das quais se faz o conteúdo principal deste produto jornalístico. A opinião declarada, muitas vezes, aparece junto com gráficos como uma forma de chancela àquilo que pensa o jornal e ao que ele busca esclarecer para a sociedade.

Referências

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Lisboa: Edições 70, 2001.

BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. In: **Revista Matrizes**. Vol.1. nº02, 2008, p.73-88. Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/viewFile/85/130>

_____. Questões metodológicas na leitura de um jornal. In: MOUILLAUD, M. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo, 1997.

FAUSTO NETO, Antonio. Vozes do impeachment. In: MATOS, Heloiza (org.). **Mídia, eleições e democracia**. São Paulo, Página Aberta, 1994.

FOLHA DE S. PAULO, 2016. Nem Dilma, nem Temer. 03 de mar., capa.

FOLHA DE S. PAULO, 2016. Dizer o óbvio. 27 de mar., p.2.

FORD, Aníbal. **La marca de la bestia**: identificación, desigualdades e infotretimento em la sociedade contemporânea. 2.ed. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2002. cap.5, p. 245-287.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. O processo de televizamento do texto jornalístico. In: MOUILLAUD, M. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo, 1997.

MELO, Demian Bezerra de. O Comício da Central: o Rio e as reformas de Jango (The Central Station Rally: Rio and Jango's reforms). In: **Cadernos de História**, Belo Horizonte, v. 15, n. 22, p. 10-29, mai. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoshistoria/article/view/P.2237-8871.2014v15n22p10>>. Acesso em: 10 Nov. 2016.

MOUILLAUD, Maurice. **O jornal da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo, 1997.

NORA, Pierre. O regresso do acontecimento. In Le GOFF, J. **Fazer História**. São Paulo: Bertrand, 1974.

_____. O retorno do fato. In: Le GOFF, J; NORA, Pierre. **História**: novos problemas. Rio de Janeiro: F. Alves, 1988. P.179-193.

O GLOBO, 1964. Onde estava a reação. 22 de abril., capa.

O GLOBO, 2016. A farsa do 'golpe' construída pelo lulopetismo. 30 mar., p. 16.

O GLOBO, 2016. O combate à corrupção nos governos do PT . 29 de fev., p.10.

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: teorias, questões e estórias. Lisboa: Vega. 1993. p. 27-33.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2005.